

Fundação Humanitária de Gaza: Uma Máquina de Morte Distópica

No filme de ficção científica de 1976 *Logan's Run*, adaptado do romance de 1967 de William F. Nolan e George Clayton Johnson, uma sociedade distópica impõe um ritual conhecido como "Carrossel", onde cidadãos que atingem a idade de 30 anos são forçados a participar de um espetáculo público que promete renovação, mas resulta em morte. Esse mecanismo mantém o equilíbrio social ao eliminar os mais velhos para abrir espaço para os jovens, envolto na ilusão de escolha e salvação. Em um paralelo assustador, a Fundação Humanitária de Gaza (GHF), criada em fevereiro de 2025 para distribuir ajuda em Gaza, pode ser comparada a um equivalente moderno do Carrossel — um sistema que, sob o pretexto de assistência humanitária, submete os palestinos a uma provação mortal, forçando-os a um jogo perigoso de sobrevivência enquanto serve a objetivos políticos e militares mais amplos. Este ensaio explora as operações da GHF através da lente de *Logan's Run*, traçando analogias entre seu modelo de distribuição de ajuda e o Carrossel distópico, destacando a militarização da ajuda, a desumanização dos beneficiários e o controle sistêmico que ela permite.

A Ilusão da Salvação: Carrossel e a Promessa da GHF

Em *Logan's Run*, o Carrossel é apresentado como um ato voluntário de renovação, uma chance para os cidadãos ascenderem a um estado superior de existência. A verdade, no entanto, é sombria: os participantes são vaporizados, suas mortes garantem a alocação de recursos para a população restante. Da mesma forma, a GHF, apoiada pelos governos dos EUA e de Israel, se promove como uma linha de vida humana, alegando entregar ajuda diretamente aos civis de Gaza, contornando a interferência do Hamas. Ela se orgulha de fornecer mais de 52 milhões de refeições em cinco semanas, apresentando seu trabalho como uma solução para as condições de fome em Gaza após o bloqueio de Israel. No entanto, como o Carrossel, essa promessa esconde uma realidade mais sombria. O sistema de distribuição de ajuda da GHF, operacional desde o final de maio de 2025, foi condenado por mais de 170 ONGs, incluindo Oxfam e Save the Children, como "não uma resposta humanitária", mas um mecanismo que coloca vidas em perigo.

O modelo da GHF exige que os palestinos percorram longas distâncias por zonas militarizadas para chegar a poucos pontos de distribuição fortemente vigiados, muitas vezes sob fogo de forças israelenses ou contratados privados. Relatórios indicam que mais de 613 palestinos foram mortos e mais de 4.200 feridos enquanto buscavam ajuda nesses locais, levando os sobreviventes a chamá-los de "armadilhas mortais" em vez de centros de ajuda. Isso ecoa a falsa esperança do Carrossel, onde os participantes são atraídos pela promessa de renovação apenas para enfrentar a aniquilação. A ajuda da GHF, embora apa-

rentemente salvadora, torna-se uma isca letal, forçando os gazenses a uma escolha desesperada: morrer de fome ou arriscar a morte para acessar rações escassas.

Militarização e Controle: A Mecânica do Carrossel

Em *Logan's Run*, o Carrossel é um espetáculo rigidamente controlado, orquestrado pelas autoridades da cidade para manter a ordem e a conformidade. A distribuição de ajuda da GHF opera de maneira semelhante sob estrita supervisão militar, com forças israelenses e contratados de segurança privados baseados nos EUA, como a Safe Reach Solutions, protegendo os locais. Essa militarização viola os princípios humanitários fundamentais de neutralidade, imparcialidade e independência, conforme observado pela ONU e organizações como a Anistia Internacional. A coordenação da GHF com as autoridades israelenses, que controlam as fronteiras de Gaza e o fluxo de ajuda, transforma a assistência humanitária em uma ferramenta de estratégia militar, assim como o Carrossel serve ao controle populacional do regime distópico.

Os centros de distribuição centralizados da GHF — quatro locais no sul e centro de Gaza — espelham a arena singular e controlada do Carrossel. Esses centros, cercados por arames farpados e pontos de observação, são projetados para concentrar os palestinos em enclaves militarizados restritos, facilitando a vigilância e o controle. Críticos, incluindo Médicos Sem Fronteiras, descrevem o sistema como um “massacre disfarçado de ajuda”, com distribuições caóticas onde milhares competem por suprimentos limitados, muitas vezes resultando em vítimas em massa. Essa configuração lembra o caos orquestrado do Carrossel, onde a desesperação da multidão alimenta o espetáculo, mascarando a violência sistêmica.

Além disso, as operações da GHF alinham-se aos objetivos mais amplos de Israel, que alguns grupos humanitários acusam de visar o deslocamento dos palestinos. Ao limitar a ajuda ao sul de Gaza e forçar os residentes do norte a realizar viagens perigosas, a GHF agrava o deslocamento, paralelamente a como o Carrossel elimina a população excedente para manter o “equilíbrio” social. A ONU condenou esse modelo como “desumanizante”, observando que ele não atende às necessidades generalizadas de Gaza, assim como o Carrossel prioriza a estabilidade sistêmica sobre as vidas individuais.

Desumanização e Desespero: O Dilema dos Participantes

Em *Logan's Run*, os participantes do Carrossel são despojados de sua humanidade, reduzidos a entidades sem rosto em um ritual que considera suas vidas descartáveis. Da mesma forma, o sistema de ajuda da GHF desumaniza os palestinos, tratando-os como ameaças em vez de indivíduos com dignidade. Um ex-contratado da GHF relatou uma cultura onde os guardas se referiam aos gazenses como “hordas de zumbis”, disparando contra multidões com munição real, granadas de atordoamento e spray de pimenta. Essa linguagem e comportamento ecoam o distanciamento dos executores de *Logan's Run*, que veem os participantes do Carrossel como meros dentes de uma engrenagem.

O processo de distribuição da GHF agrava ainda mais essa desumanização. Palestinos, incluindo mulheres, crianças e idosos, devem caminhar quilômetros para chegar aos locais, apenas para enfrentar violência e caos. Uma mãe deslocada, Samah Hamdan, descreveu ter caminhado nove quilômetros para coletar macarrão derramado, destacando a indignidade do processo. Como os participantes do Carrossel, que são forçados a se apresentar para sobreviver, os gazenses são obrigados a participar de um espetáculo degradante, arriscando suas vidas por restos de comida. O Alto Comissário de Direitos Humanos da ONU, Volker Türk, chamou esse sistema de “inconcebível”, destacando sua violação do direito internacional ao colocar civis em perigo.

O Quadro Distópico Mais Amplo: Poder e Conformidade

O Carrossel em *Logan's Run* não é apenas uma ferramenta de controle populacional, mas um símbolo do poder do regime para ditar a vida e a morte. A GHF também serve como um instrumento de poder, permitindo que Israel e seus apoiadores americanos reformulem o cenário humanitário de Gaza. Ao marginalizar agências de ajuda estabelecidas como a UNRWA e o Programa Mundial de Alimentos, a GHF mina décadas de infraestrutura humanitária, substituindo-a por um modelo politizado e militarizado. Isso reflete a eliminação da agência individual pelo regime distópico, forçando a conformidade com um sistema único e controlado.

A liderança da GHF, incluindo figuras como o reverendo Johnnie Moore, um conselheiro de Trump com laços com agendas evangélicas e pró-Israel, reforça seu alinhamento político. A nomeação de Moore, após a renúncia de Jake Wood devido a preocupações com a neutralidade, sinaliza uma mudança para uma politização aberta, semelhante às bases ideológicas do regime de *Logan's Run*. O financiamento opaco da GHF e a falta de transparência refletem ainda mais as maquinacões secretas da cidade distópica, onde a verdade é obscurecida para manter o controle.

Conclusão: Desmantelando o Carrossel Moderno

A Fundação Humanitária de Gaza, como o Carrossel em *Logan's Run*, é uma máquina de morte disfarçada de benevolência, mas enraizada no controle e na violência. Seu sistema de distribuição de ajuda militarizado força os palestinos a um ritual mortal, onde a promessa de sobrevivência é ofuscada pelo risco de morte. Ao desumanizar os beneficiários, centralizar o controle e servir a objetivos políticos, a GHF transforma a assistência humanitária em um espetáculo distópico, minando os princípios que afirma defender. Enquanto mais de 170 ONGs e a ONU exigem seu desmantelamento, a analogia com o Carrossel destaca a urgência de restaurar sistemas humanitários genuínos que priorizem a dignidade, a imparcialidade e a vida. Assim como os protagonistas de *Logan's Run* buscavam escapar de seu sistema opressivo, o povo de Gaza merece um caminho para a sobrevivência livre dos perigos dessa máquina de morte distópica.